

**ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL DE PARINTINS – AM: O Ensino e a prática de
leitura literária em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental¹⁰**

***MUNICIPAL PUBLIC SCHOOL OF PARINTINS - AM: Teaching and Practice of
Literary Reading in an 8th Grade Class of Elementary School***

Terciane Santos Castro¹¹

Dilce Pio Nascimento¹²

Heloísa Reis Curvelo¹³

RESUMO: O universo literário é grandioso e vasto, é notório que não se pode apresentá-lo por completo em algumas poucas horas de aula, porém, no atual sistema educacional é visível a falta de incentivo quanto a leitura. O espaço dado a leitura é pequeno se compararmos com o espaço ordenado ao ensino da gramática, e quando estudada em sala de aula, os textos literários têm a função do ensino da gramática da Língua Portuguesa. Em nosso artigo objetivamos tratar sobre a realidade dos alunos que estão crescendo em uma sociedade com pouco incentivo à leitura de textos literários e menos acesso a livros, percebemos isso pelo baixo índice de leitores no Brasil de acordo com o Estudo Internacional de Progresso em Leitura – PIRLS (2023). Nossa pesquisa está pautado na pesquisa-ação e bibliográfica de abordagem qualitativa com enfoque dialético, na medida em que investigamos uma realidade social e o que intervém sobre ela, buscando analisar as práticas de incentivo à leitura em sala de aula frente às novas diretrizes educacionais propostas pela BNCC em uma escola pública de ensino fundamental em Parintins – AM, tendo como base teórica os estudos de Calvino (2002), Cosson (2014; 2020), Culler (1999), Freire (1989; 1992), Lajolo (2011), Todorov (2009) e Zilberman (1991). Dessa forma, mostraremos que a sala de aula, a escola e a

¹⁰ Artigo adaptado da Monografia para obtenção de título de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa do Centro de Estudos Superiores de Parintins, da Universidade do Estado do Amazonas – CESP/UEA, em 2023.

¹¹ É Licenciada em Letras pelo Centro de Estudos Superiores de Parintins, da Universidade do Estado do Amazonas (2023). Tem experiência na área de Língua Portuguesa e Literaturas. Atuou em monitoria na disciplina de Estudos Temáticos de Literatura Brasileira. Voluntária em Projetos de Extensão na área Teatro Clássico. Foi bolsista do Programa de Residência Pedagógica (2022-2023). E-mail: anecastro3@gmail.com

¹² Mestre em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas. Possui especializações em Literatura Brasileira Moderna e Pós-Moderna pela Universidade Federal do Amazonas; Especialização Aperfeiçoamento em Língua Latina e Tradução dos Clássicos. É graduada em Licenciatura Plena em Letras- Língua Portuguesa (UFAM, 2002). Membro do Núcleo de Pesquisa Núcleo de Investigação de Cultura e da Educação no Baixo Amazonas. Atualmente é professora efetiva da Universidade do Estado do Amazonas, no Centro de Estudos Superiores de Parintins CESP-UEA). Atua nas áreas de Letras, com ênfase em Teatro, Literatura Brasileira e Teoria da Literatura, Literatura Amazonense e Literatura Pan-Amazônica. Atuou como professora de Literatura Brasileira e Portuguesa na Universidade Federal do Amazonas. Ganhou o Prêmio Literário de poesia da Academia de Letras do Brasil-Amazonas no concurso "Universo poético da Mulher Amazonense". E-mail: dpnascimento@uea.edu.br

¹³ Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras de Bacabal (PPGLB)UFMA (desde 2020), Coordenadora do Projeto de Pesquisa Toponímia Maranhense: estudos sobre os topônimos do Maranhão (desde 2020); Membro integrante do Conselho de Ética em Pesquisa da UFMA-CEP, conforme portaria GR n 474/2021-MR. E-mail: hrc.matos@ufma.br

família podem fazer com que as crianças e adolescentes despertem para a leitura, não apenas como uma exigência educacional para notabilizar os alunos, mas mostrar as vantagens que o hábito da leitura propicia.

Palavras-chave: Prática de Leitura. Ensino Fundamental. Parintins. Amazonas.

ABSTRACT: The literary universe is grand and vast, and it is evident that it cannot be fully presented in a few hours of class. However, the current educational system shows a noticeable lack of encouragement for reading. The time allocated to reading is minimal compared to the time dedicated to teaching grammar, and when literary texts are studied in the classroom, their role often focuses on teaching Portuguese grammar. In our article, we aim to address the reality of students growing up in a society with little encouragement for reading literary texts and less access to books, as evidenced by the low literacy rates in Brazil according to the Progress in International Reading Literacy Study (PIRLS) 2023. Our research is based on action-research and bibliographic studies with a qualitative approach and a dialectical focus, as we investigate a social reality and the factors that influence it, analyzing reading encouragement practices in the classroom considering the new educational guidelines proposed by the BNCC (National Common Curricular Base) in a public elementary school in Parintins – AM. Our theoretical framework includes studies by Calvino (2002), Cosson (2014; 2020), Culler (1999), Freire (1989; 1992), Lajolo (2011), Todorov (2009), and Zilberman (1991). Thus, we will demonstrate that the classroom, the school, and the family can inspire children and adolescents to embrace reading, not merely as an educational requirement to distinguish students, but to highlight the benefits that the reading habit provides.

Keywords: Reading Practice, Elementary Education, Parintins, Amazonas.

INTRODUÇÃO

A leitura de textos literários em sala de aula é uma importante prática que precisa ser incentivada como forma de desenvolver o pensamento crítico dos alunos. A falta dessa motivação pode prejudicar o desempenho do aluno em suas atividades escolares, considerando que a leitura é um dos pilares que propicia o desenvolvimento da análise crítica do aluno, considerando que Base Nacional Comum Curricular – BNCC estabelece o eixo da leitura no processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa, “participação mais efetiva e crítica nas práticas contemporâneas de linguagem” (Brasil, 2018, p. 68).

A ausência da prática de experiência leitora pode resultar na formação de alunos com dificuldades de discutir, conversar e debater sobre assuntos básicos da diversidade literária existente no Brasil e no mundo, bem como desconhecer o caráter social presentes nas obras literárias. O incentivo à prática da leitura em sala de aula é uma temática importante a ser discutida, principalmente, considerando as novas diretrizes educacionais curriculares como a BNCC que dão ênfase a leitura como eixo estruturante

para o desenvolvimento das competências e habilidades da língua portuguesa, oralidade, escrita, produção textual e análise linguística/semiótica.

Considerando o que afirmamos até aqui, neste trabalho de pesquisa visamos identificar como se dá o processo de prática leitora no ensino fundamental II em uma escola pública da esfera municipal de Parintins, mais especificamente em uma turma de 8º ano, buscando apresentar informações sobre como o aluno está imergindo ao mundo da leitura dentro da sala de aula. Pretendemos compreender de que forma o aluno aplica em sua realidade social aquilo que ele aprende na escola, de que maneira isso reflete em seu mundo fora da sala de aula, uma vez que a leitura de literatura dentro da sala, ainda é vista pelo aluno como uma obrigação, apenas avaliativa, e não como algo que acrescente além das notas do boletim.

Como intuito de mostrar a importância de incentivos a leitura no Ensino Fundamental II, neste trabalho lançaremos outro olhar sobre a prática de leitura em sala de aula, mostrando que o gosto do aluno pela leitura é resultante da forma com qual a este tem contato com ela. Sendo esta pesquisa fruto de uma pesquisa-ação, pois terá contato com o social e isso é uma característica deste tipo de trabalho.

DEFININDO A LITERATURA EM SALA DE AULA

A palavra literatura tem origem no latim com a palavra “*littera*” que significa “letra”. Como tal, sua definição primária tem a ver com a capacidade e as habilidades de ler e escrever adequadamente, entende-se também que a literatura abrange outras definições, fazendo parte de outras manifestações artísticas, o que faz dela algo muito importante dentro da sociedade, pois muito se aprende através da literatura (Soares, 2000).

Conceituar a literatura é complexo uma vez que abrange muitas áreas e sempre se adequa ao contexto daquele momento. Culler (1999, p. 36) define que a “literatura é linguagem na qual os diversos elementos e componentes do texto entram numa relação complexa”, que explora as relações entre forma e sentido, buscando compreender como os componentes do texto se integram e produzem significado.

Em sala de aula, assim como em qualquer contexto, a literatura está inserida no campo das práticas de linguagem, entendida como uma forma de discurso “cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Cabe ao professor

fortalecer essa disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassarem o simples consumo de textos literários” (Cosson, 2014, p. 139).

A literatura em sala de aula, nessa perspectiva, demonstra um olhar mais crítico em relação ao tratamento que deve ser dado a literatura, uma vez que, Cosson (2022) explica que a literatura é vista sob um paradigma moral-gramatical que pressupõe seu uso com a função de ensinar a norma culta da língua e a padronização da escrita.

Cosson (2020, p. 22) aponta nesse paradigma que os textos literários em sala de aula, produtos da literatura, são:

[...] tomados como modelos de escrita, determinando que suas estruturas composicionais e estilísticas sejam reproduzidas pelos alunos; por outro lado, são modelos de correção gramatical e uso adequado da língua, servindo certo ou errado de palavras, expressões e estruturas sintáticas, como se observa nos livros de gramática normativa.

Quando os professores utilizam as obras literárias de escritores como Machado de Assis, Monteiro Lobato, Cecília Meireles, Clarisse Lispector, entre outros nomes da literatura brasileira, a função principal da literatura em sala de aula deveria ser o desenvolvimento das práticas de linguagem e letramento literário, porém é exatamente o contrário disso que acontece nas salas de aula.

Por isso, Cosson (2020, p. 169) defende a concepção de literatura a partir do paradigma do letramento literário, “uma linguagem que se apresenta como um repertório de textos e práticas de produção e interpretação, pelos quais simbolizamos nas palavras e pelas palavras a nós e o mundo que vivemos”. Ao estudar a literatura nesse sentido na escola, se ultrapassa a visão limitada de perceber a literatura apenas sob a lógica gramatical, compreendendo-a em mais profundidade.

Para Todorov (2009) a literatura está em justamente por essa visão limitada acerca literatura que na escola é entendida apenas como mais uma disciplina escolar, distante da perspectiva que defende a autonomia da literatura. O autor define que “literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstante” (Todorov, 2009, p. 22), pois a literatura

abrange vários espaços e áreas, sempre está em evolução e se moldando ao espaço e lugar em que se insere para que seu uso seja de forma eficaz.

Todorov (2009) explica que não se pode compreender a literatura dissociada da sociedade, como se esta não tivesse uma ligação significativa com o mundo. Dessa forma, o autor esclarece a necessidade de se olhar para a literatura considerando contextos e épocas, mais que isso, buscar as intertextualidades presentes nos que falam sobre o mundo, o ser humano e sociedade.

É necessário defender o ensino da literatura em sua essência dentro da sala de aula, como afirma Todorov (2009, p. 10) ao dizer que o perigo pelo qual passa a literatura:

[...] está no fato de que, por uma estranha inversão, o estudante não entra em contato com a literatura mediante a leitura dos textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária. Isto é, seu acesso à literatura é mediado pela forma "disciplinar" e institucional. Para esse jovem, literatura passa a ser então muito mais uma matéria escolar a ser aprendida em sua periodização do que um agente de conhecimento sobre o mundo, os homens, as paixões, enfim, sobre sua vida íntima e pública.

Uma vez que a literatura passou a ser usada para outros fins, é justo que sua autonomia enquanto área do conhecimento precisa ser resgatada. A literatura não é estudada em sua essência mais como um recurso didático-metodológico para o ensino de gramática e ortografia. Isso acaba colaborando para a falta de hábito de leituras por parte dos estudantes, pois quanto mais se usa a literatura para o estudo da gramática da língua, sem contextualizá-la, mas a leitura se torna cansativa e menos instigante.

Voltando essas discussões acerca do que é literatura para a educação brasileira, a BNCC, ressalta a importância da promoção de atividades com alunos de forma a fomentar as práticas de leituras e a literatura como forma de ampliação dos seus conhecimentos, em um sentido mais abrangente e contextualizado:

A participação dos estudantes em atividades de leitura com demandas crescentes possibilita uma ampliação de repertório de experiências, práticas, gêneros e conhecimentos que podem ser acessados diante de novos textos, configurando-se como conhecimentos prévios em novas situações de leitura (Brasil, 2017, p. 75).

Destacamos a importância do estudo da língua portuguesa por meio do texto literário, mas também devemos incentivar em sala de aula a autonomia leitora do aluno como forma de fruição e não apenas ler o livro tendo em mente as regras gramaticais. A

literatura em sala de aula acaba tomando esta finalidade e na maior parte das aulas de língua portuguesa é o recurso utilizado para o ensino-aprendizagem da norma culta, falar e escrever corretamente, o que não deveria ocorrer, pois a literatura é uma área de conhecimento autônoma (Flaubert, 1981 apud Todorov, 2009, p. 65).

A natureza da literatura perfaz o encontro entre o mundo da leitura, que corresponde ao universo da leitura da palavra escrita, e a leitura de mundo, as interpretações e perspectivas que o sujeito tem sobre mundo onde vive. A partir da leitura que o indivíduo faz do mundo, este pode perceber e se identificar no mundo da leitura. Em contrapartida, ao adentrar no mundo da leitura pode fazer novas interpretações sobre o mundo ao seu redor.

A literatura não pode ser só mais uma área de conhecimento desvalorizada, não deve perder sua essência dentro do ensino, pois a leitura de literatura é um objeto de desenvolvimento do conhecimento, no entanto cada vez mais há menos espaço para ela em comparação aos outros componentes curriculares. Nesse sentido, Todorov (2009, p. 8) explica que a literatura se encontra em constante ameaça:

Não é difícil perceber que a literatura está sob ameaça. E pior: não se trata de um velho perigo, aquele decorrente da disputa agônica com oponente de peso como a filosofia socrática, que acusava de subversiva a arte poética - temida principalmente por sua potência encantatória.

Vê-se que não é de hoje que ela está sob perigo constante e que precisa ser protegida e defendida diante desse perigo, pois com sua extinção, o ser humano não terá uma importante área do conhecimento para a sua formação em sociedade, isto já é visto, porque grande parte dos jovens não lê e nem tem interesse na leitura de verdade os grandes livros da literatura.

Deve-se ter um olhar mais atento para a forma que a literatura está sendo abordada nas escolas atualmente e como os jovens estão a recepcionado, é importante estudos que investiguem o interesse dos alunos pela leitura. O papel do professor na vida leitora do aluno é de grande importância, porque o docente poderá mostrar a eles um mundo diversificado e atrativo, em que os assuntos importantes são colocados de múltiplas maneiras. O professor pode promover práticas de incentivo à leitura e acesso à literatura dentro da sala, mostrando que há vários tipos de literaturas, livros literários e

gêneros, permitindo que os alunos experienciem a leitura de literatura em sua essência, incentivando também a autonomia leitora dos alunos.

LETRAMENTO LITERÁRIO: “DO MUNDO DA LEITURA PARA A LEITURA DO MUNDO”

A literatura pode ser a janela para conhecer o mundo, como afirma Cosson (2014, p. 15) que o “[...] princípio é sempre o verbo que faz o mundo ser mundo para todos nós, até porque a palavra é a mais definitiva e definidora das criações do homem”. A palavra tem poder e com a leitura podemos viajar por horizontes desconhecidos, assim fazer com que o mundo se torne parte do leitor e muito mais conhecido, mesmo que através de livros, essa é a magia da leitura, levar o leitor para um universo paralelo, porém, muito real para aquele que lê e se identifica com a leitura.

Cosson (2014, p. 16) fala que “[...] praticamente todas as transações humanas de nossa sociedade letrada passam, de uma maneira ou de outra, pela escrita, mesmo aquelas que aparentemente são orais ou imagéticas”, ou seja, a palavra e a leitura estarão sempre presentes mostrando que vivemos em sociedade e em diálogo, porque a leitura da palavra é resultado da leitura de mundo, ambas fazem parte da vida humana. Para Lajolo (2011, s./p), a leitura pode ser entendida como jogo de troca que leva o aluno:

Do mundo da literatura para à leitura do mundo, o trajeto se cumpre sempre, refazendo-se, inclusive, por vice-versa que transforma a leitura em prática circular e infinita. Como fonte de prazer e sabedoria, a leitura não esgota seu poder de sedução nos estreitos círculos da escola.

Isso coloca a importância da troca que deve haver entre os “mundos”, alinhando-os para que os alunos vivam a leitura das ricas literaturas. Pode-se notar isto quando, por exemplo, ao colocar um mesmo livro para uma turma toda ler e, após a leitura, cada um compartilhar sobre aquilo que leu, perceberemos várias visões e mensagens que um único texto pode mostrar dependendo do leitor.

Essa é uma das possibilidades que os professores poderiam oferecer para os alunos, atividades em que o conhecimento seria compartilhado e exposto, porém, de uma maneira prazerosa, porque “a busca de leitura prazerosa não exclui a aquisição de

conhecimento, pois jamais deixa de trazer informações ao leitor” (Paiva; Maciel; Cosson, 2010, p. 42). Não se afirmamos aqui que o uso de literaturas para explicar a evolução da língua, da fala, da escrita seja inadequado, mas salientamos a importância que a leitura literária precisa ser tomada por sua essência.

As obras literárias podem muito bem ser do interesse do aluno e fazer refleti-los, afinal, a leitura nos leva a vê além das linhas e páginas dos livros, dar “aos leitores a possibilidade de enxergar a realidade de maneira ampliada, para além de seu restrito meio social, o que podemos definir como experiência de leitura” (Paiva; Maciel; Cosson, 2010, p. 25). Essa experiência leitora permite a distinção entre a leitura do mundo e leitura da palavra que remete a visão educacional.

Freire (1989, p. 9) associa a leitura palavra escrita com a visão de mundo, sua frase célebre diz que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”, temos assim, um encontro de troca de experiências que nos permite pensar novas estratégias a serem estudadas em sala de aula.

Cosson (2014, p. 10) escreve o seguinte sobre a forma como é utilizada a literatura em sala de aula:

[...] essa postura arrogante com relação ao saber literário leva a literatura a ser tratada como apêndice da disciplina Língua Portuguesa, quer pela sobreposição à simples leitura no Ensino Fundamental, quer pela redução da literatura à história literária no ensino médio.

Podemos ver a realidade do ensino da literatura e do espaço que ela tem dentro da escola, das salas de aulas, tanto no Ensino Fundamental quanto no médio. Se antes a literatura já tinha um espaço tão pequeno no ensino médio, hoje em dia isso está mais reduzido, principalmente com a implantação do Novo Ensino Médio a partir da BNCC que estabeleceu os itinerários formativos voltados para a formação técnica e profissional dos estudantes. Esse espaço que a literatura ainda tem nas escolas, é apenas o mínimo do que é possível observar em sala de aula, isso prejudica ainda mais os jovens alunos e deixa a literatura “literalmente” em perigo.

Quando os alunos nas séries iniciais não são incentivados ao gosto pela leitura, teremos pela frente alunos que terão dificuldades, na maioria das vezes, para se

comunicar, interagir com o mundo, interpretá-lo e criticá-lo de novas para a professora. É importante que os professores consigam fazer a “utilização ou articulação entre o que o estudante já sabe e o tema de aula apresentado ainda representa obstáculo para o desenvolvimento de estratégias de ensino bem-sucedidas” (Santos; Rossi, 2020, p. 2).

A LEITURA NA PRÁTICA DOCENTE

A prática da leitura tem lacunas desde a formação nos anos iniciais da vida estudantil, quando o incentivo a essa prática é pouco visto, primeiramente, em casa, o hábito de ler para as crianças não é tão comum, e os livros infantis foram substituídos pelas tecnologias. Quando adentram ao universo escolar não tem interesse pela leitura, já que durante a infância não foram motivados a uma experiência leitora. Tanto a família quanto a escola precisam mostrar ao aluno a importância da leitura e incentivá-los a se tornarem leitores.

A família e a escola devem ser incentivadores dessa busca por conhecimento através da leitura, onde o aluno se espelhará nele para estar sempre buscando novas aventuras em livros desde os mais conhecidos e até aqueles que não tem muito prestígio ou são conhecidos pela sociedade. Calvino (2002, p. 9) reflete acerca daquilo que é um clássico e como algumas pessoas identificam a leitura desses livros, uma das primeiras questões abordada no livro é que “Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: Estou relendo... e nunca Estou lendo [...]”, porque tende a se imaginar que em algum momento da vida a pessoa já leu mesmo que de forma rápida aquele clássico.

Calvino (2002) ainda propõe que os jovens deveriam ler livros clássicos, mas que isso deveriam reler, pois considera que a leitura da juventude precisa alcançar uma maturidade, na qual ao ler um clássico o jovem não compreende os contextos presente nas obras, ao invés disto o que fazem é apenas “passar os olhos”, pois o contato que eles têm com os livros clássicos em sala de aula é de maneira rápida. Às vezes, na escola se o aluno conhece as histórias clássicas de forma resumida, somente fragmentos. Essa fragmentação da leitura em sala de aula, deve-se também ao currículo, pois em poucas aulas o professor precisa repassar uma grande quantidade de conteúdo. Outra questão refere-se ao espaço escolar que deve possibilitar que o alunotenha acesso a diversas obras,

mas nem sempre as escolas possuem biblioteca com acervo além dos livros didáticos, isso dificulta o acesso do aluno à leitura.

A realidade de que os livros literários estão abaixo dos livros didáticos, livros distribuídos para as escolas e neles os alunos e professores devem se basear para aquisição de conhecimento, como foi observado por Cosson (2014, p. 19), onde o autor explica como os textos literários estão ficando sem seus espaços:

[...] como se registra no livro didático, os textos literários ou considerados como tais estão cada vez mais restritos às atividades de leitura extraclasse ou atividades especiais de leituras. Em seu lugar, entroniza-se a leitura de jornais e outros registros escritos, sob o argumento de que o texto literário não seria adequado como material de leitura ou modelo de escrita escolar, pois a literatura já não serve como parâmetro nem para a língua padrão, nem para a formação do leitor, conforme parecer de certos linguistas.

Esse é o espaço que a literatura está perdendo e o docente, de certa forma, está colaborando para a falta de gosto dos alunos pela leitura, uma vez que quanto mais textos muito formais são usados para fins do estudo da gramática e são empurrados goela abaixo para os alunos, perde-se mais leitores. Os alunos do Ensino Fundamental devem ter a gramática e o estudo da evolução da escrita como prioridades, porém deve ser também prioridade o estudo mais a fundo da literatura porque em breve eles farão as provas de vestibulares e a análise de textos literários são base para a maioria das provas.

O sistema educacional ainda é falho e, por vezes, acontece de o aluno chegar ao Ensino Fundamental II e não conseguir fazer a interpretação de um texto, mas que isso, nem mesmo conseguem ler um texto de forma fluente, o que pode ser resultado de um processo alfabetizador incompleto que, conseqüentemente, resulta em alunos que não sabem ler e interpretar um texto. Por isso, Cosson (2024) defende o letramento literário em sala de aula, não apenas que o aluno a ler um texto, mas consiga extrair dele os contextos de produção que o envolvem, bem como refletir sobre o que o texto nos diz.

Essa é uma realidade triste, mas existente, isso se torna mais grave ao vermos que esse cenário se prolonga até o ensino médio. Isso ainda se soma ao processo de adaptação curricular e didático-pedagógica que as escolas estão passando, considerando a implementação das novas diretrizes educacionais estabelecidas pela BNCC. Essa realidade de déficit em relação a leitura é umas preocupações dos documentos

educacionais e, como forma de transformar essa realidade, a filosofia que norteia a BNCC sistematiza o estudo das práticas de linguagens em quatro eixos estruturantes: leitura, produção textual, oralidade e análise linguística/semiótica. Nesse sentido, a BNCC define que a leitura na educação:

[...] compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades (Brasil, 2017, p. 71).

A BNCC prevê um ensino de língua portuguesa e literatura com base no desenvolvimento de competências e habilidade alicerçadas nesses eixos estruturantes, mas sabemos que na realidade escolar o que se aplica ainda é o ensino tradicional, a educação bancária, como explica Freire (1992), ou uma educação apenas para composições de estatísticas educacionais. Observamos que nas escolas o ensino é em sentido preparatório para alunos serem avaliados pelos exames que quantificam as aprendizagens, seja em âmbito municipal ou estadual.

Além disso, o professor não recebe um bom apoio pedagógico para o planejamento de aulas mais dinâmicas ou projetos de leitura, principalmente, se essas atividades demandarem recursos financeiros. Então, o professor que desejar “fugir” do ensino bancário em prol de uma educação libertadora, acaba tendo que subsidiar com seus próprios recursos essas atividades, ou pelas dificuldades que encontra no caminho, o professor se vê acorrentado a praticar um ensino tradicional de “dar aula”.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa tem por objetivo investigar o ensino e a prática de leitura literária no processo de ensino-aprendizagem para alunos do ensino fundamental II, considerando isso, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, tendo em vista que é necessário que o pesquisador conheça o universo da sua pesquisa e o

conhecimento que já foi produzido e pesquisado. Trata-se também de uma pesquisa de campo, tendo o espaço escolar como lócus da investigação e participantes os alunos e a professora de língua portuguesa do ensino fundamental II, de uma escola da rede pública de ensino de Parintins. Para a coleta de dados, foram utilizadas como técnicas a observação, aplicação de oficina e questionários, a fim de alcançar os objetivos propostos da pesquisa.

Escolhemos uma escola que não está localizada nas mediações mais centrais da cidade. O lócus dessa pesquisa foi a Escola Municipal Claudemir Carvalho, localizada em uma área periférica da cidade de Parintins-AM, no bairro Palmares, fundada em 1986 que atendia 268 alunos matriculados de 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, nos turnos matutino e vespertino, em 2023. O corpo estudantil em 2021 apresentou desempenho educacional com média de aprovação de 93,3%, segundo o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB (Brasil, 2021). Isso demonstra que a escola faz jus a frase de seu lema “educar é, antes de tudo, criar valores”.

Os textos que foram utilizados na oficina são: “Ou isto ou aquilo” e “A bailarina” de Cecília Meireles (Livro *Ou isto ou aquilo*, 1964); “Amazônia” de Márcia Wayna Kambeba (Livro *O lugar do saber*, 2020); “Rondel do Abacaxi” de Luiz Barcellar (Livro *O sol de feira*, 1973); “A velha contrabandista” de Sérgio Porto (Livro *Rosamundo e os outros*, 1963) e “A avó” de Olavo Bilac (Livro *Poesias infantis*, 1904). Os textos escolhidos foram com temáticas, gêneros e estilos literários diferentes para que os alunos pudessem ter contato com textos diversificados da literatura brasileira infantojuvenil e amazonense.

A oficina foi aplicada em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental II para 16 alunos, destacamos que uma das alunas é pessoa com deficiência intelectual, por isso, a oficina também foi pensada de forma a incluí-la nas atividades propostas. Dessa forma, pensando nas dificuldades de leitura e escrita da aluna, utilizados um vídeo do poema “A bailarina”, esse texto também foi trabalhado com a aluna de maneira adaptada, pois tratava-se de uma versão do poema ilustrado. Os alunos foram divididos em grupo e escolhendo um dos textos disponibilizados para colocar sua criatividade em jogo, e a partir da leitura em grupo e discussão, os alunos fizeram a interpretação e adaptação do texto lido.

Tratava-se da produção de um mural literário, em que os alunos podiam ilustrar ou reescrever o texto, por isso a turma ficou livre para deixar a imaginação fluir

da melhor maneira possível. Além da observação feita enquanto eles realizavam a atividade, foi possível perceber que os textos literários contribuíram para estimular o cognitivo e reflexivo dos alunos.

A aplicação dos questionários se deu após a realização de uma oficina na turma observada, um questionário voltado aos alunos com as seguintes perguntas: 1. Você gosta de ler. Por quê? 2. Você tem contato com livros fora da sala de aula? 3. Você consegue ler e interpretar um texto com facilidade? 4. Você tem algum livro favorito? 5. A sua escola oferece um espaço para que você possa fazer uma leitura prazerosa, sem cobranças, somente porque você quer ler? 6. As aulas de português têm espaço para a leitura mais prazerosa, sem ter a obrigação de ler para realização de trabalho? 7. O que motiva você a ler? 8. O que você acha que deve ser feito para que os alunos se interessem e tomem gosto pela leitura?

Outro questionário foi voltado para a professora da turma com o objetivo para perceber ambos os pontos de vista dos participantes sobre a prática de leitura em sala de aula com as seguintes perguntas: 1. Você costuma organizar um tempo das aulas para fazer leitura com os alunos? 2. Os alunos têm muita dificuldade com a leitura e interpretação? 3. Na sua opinião, o tempo para a prática da leitura no horário de aula ajudaria os alunos na vida escolar em geral? 4. Você utiliza métodos de ensino diferentes para chamar a atenção dos alunos para a leitura, principalmente, com aqueles que apresentam maior dificuldade para ler e interpretar? 5. Em sua análise, o que falta para que os alunos passem a adquirir o hábito da leitura?

Ao final, os questionários foram recolhidos e compõem a análise de dados desta pesquisa. Um questionário também foi aplicado com a professora da turma para compreender de que forma a prática leitora é desenvolvida nas aulas de língua portuguesa.

DIFICULDADES DE LEITURA DOS ALUNOS: PERCEPÇÃO DOCENTE

A dificuldade com a leitura e, conseqüentemente, com a interpretação de textos em grande parte das pessoas ocorre pelo fato de que ao longo do tempo e do processo de aprendizagem, há certas limitações e dificuldades para se ter acesso aos livros. Em 2018, a pesquisa realizada pelo Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) mostra essa triste e difícil realidade dos leitores brasileiros:

Cerca de 50% dos estudantes brasileiros alcançaram o Nível 2 ou acima em letramento em Leitura [...] a outra metade não apresentou o nível mínimo de proficiência. Esse resultado provavelmente representa um grande obstáculo na vida desses jovens, dificultando ou até mesmo impedindo que eles avancem em seus estudos, tenham oportunidades melhores no mercado de trabalho e participem plenamente na sociedade (Brasil, 2020, p. 77).

Essa pesquisa foi realizada com estudantes entre 15 e 16 anos que estão cursando a partir do 7º ano do Ensino Fundamental. Os indicativos demonstram que esses jovens terão dificuldades para ingressarem no ensino superior, considerando que a maioria está nas etapas finais da educação básica. Para o Estudo Internacional de Progresso em Leitura – PIRLS, realizado em 2023, o Brasil ocupa a 58ª posição em proficiência de compreensão leitora de 65 países que foram avaliados. O estudo realizado com alunos do 4º ano do Ensino Fundamental apresentou que 62% dos estudantes apresentam baixo nível de leitura (Brasil, 2023).

Algo importante de se destacar sobre a leitura, refere-se ao primeiro incentivo ao ato de ler que deveria iniciar dentro de casa, sendo o primeiro passo para começar vida/experiência leitora. A primeira dificuldade relaciona-se com o acesso aos livros, pois muitas famílias têm limitações financeiras ou os familiares provém de uma educação bancária que não incentiva a leitura, criticada por Freire (1992).

A escola e os professores teriam o papel essencial de dar continuidade a esse incentivo para manter o interesse pela leitura vivo quando as crianças se tornam adolescentes e começarem a fazer suas próprias escolhas de leitura, mas na maioria das vezes, esse estímulo é iniciado pela própria escola e falta participação da família nesse processo. Ressaltando que a leitura é importante em todos os níveis de ensino, principalmente, para os alunos que sofrem com pressão constante para o vestibular e escolha da carreira. Percebemos essa perspectiva na realidade da sala de aula analisada, quando uma das respostas da professora entrevistada indica que o ambiente escolar é o único espaço onde os alunos desenvolvem a leitura:

Os alunos sempre têm dificuldades com a leitura, mesmo que sejam incentivados todos os dias na sala de aula. Na minha opinião, as aulas de L. Portuguesa apresentam-se como o único espaço para tal prática. Desse modo, os estudantes sentem dificuldades para se expressar na leitura e interpretação (Prof. LP, 2023).

Se a criança já tem o hábito da leitura, ao chegar nos anos iniciais conseguem com mais facilidade aprender os conteúdos. Porém, a criança que não tem esse estímulo encontra mais dificuldade no seu processo de ensino-aprendizagem. Zilberman (1991) explica que o contato com a leitura desde os primeiros anos na escola é muito benéfico e alguns alunos, devido a esse incentivo, acabam adquirindo gosto pela leitura, e ao avançarem nas fases de ensino constroem sua identidade leitora, mas, às vezes, ainda encontram entraves para terem acesso a livros.

A professora destaca que a realidade de alunos que não gostam de ler ou acham que ler é chato e sem sentido, parte da falta de estímulo inicial no ambiente familiar e também do uso frequentes de tecnologias:

O hábito de ler deveria ter o incentivo inicial na família, hoje com o uso frequente das tecnologias as crianças não visualizam a escrita e sim, os vídeos, áudios, etc., ou seja, buscam a forma mais fácil para se comunicar. Assim, os materiais escritos e principalmente impressos são pouco consumidos, deixando essa “deficiência” na prática da leitura e interpretação textual (Prof. LP, 2023).

Vemos que a professora consegue a perceber a falta de incentivo dos pais com os alunos, refletindo na capacidade e do gosto por procurar ler além do ambiente escolar e sem a finalidade obrigatória que a disciplina exige por conta de trabalhos de aula. É preciso possibilitar que o aluno aprecie a leitura e crie gosto pela leitura, entendendo que ler aumenta o conhecimento.

Para além disso, a professora destaca a questão das novas tecnologias, que influenciam na escrita do aluno, partindo das novas linguagens, o “internetês”, uma linguagem curta, imediata e convergente, caracterizada pela superficialidade e pelo “[...] imediatismo de respostas e à efemeridade das informações, privilegiando análises superficiais e o uso de imagens e formas de expressão mais sintéticas, diferentes dos modos de dizer e argumentar característicos da vida escolar” (Brasil, 2017, p. 61).

Mas a negação das Tecnologias de Comunicação e Informação em sala de aula, demonstra uma certa contrariedade com o que pressupõe a BNCC, pois esse documento normativo já se atualizou pensando nas novas tecnologias como parte do ensino-aprendizagem. O uso frequente das tecnologias pelos alunos não deve ser tomado como um problema, mas sim explorado em sala de aula como forma de contemplar a realidade social dos alunos que, em sua maioria, são nativos digitais (Brasil, 2017).

O professor pode fazer uso das tecnologias em favor do processo de ensino-aprendizagem, inclusive como forma de incentivo à leitura e melhoramento dos índices de rendimento escolar, aproximando a sala de aula da realidade do aluno. Atualmente as pesquisas que investigam os índices de leitura dos estudantes das escolas brasileiras, mostra a necessidade de se pensar novas metodologias para potencializar a prática de leitura e, conseqüentemente, o desenvolvimento escolar do aluno, não somente nas aulas de língua portuguesa, mas também em outras disciplinas que necessitam da leitura e interpretação.

A professora esclarece a necessidade da utilização de métodos de ensino diferentes para chamar a atenção dos alunos quanto a prática da leitura, principalmente com aqueles que apresentam uma dificuldade maior para ler e interpretar.

Na escola temos estudantes que não foram alfabetizados, para esses eu trago materiais adaptados ao seu nível. Outros estudantes que não gostam de ler são inseridos nas equipes com alunos mais ativos, acredito que o método sempre traz resultados positivos, pois são motivados pelos colegas (Prof. LP, 2023).

Essa é uma realidade que se replica nas escolas, alunos que estão nos anos finais do Ensino Fundamental, mas ainda não foram alfabetizados e não conseguem ler e escrever. Ainda que a BNCC defina o foco da alfabetização nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental para o desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita. Os resultados divulgados pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb)¹⁴, apontam um desempenho de 238,90 de proficiência dos alunos em língua portuguesa.

O demonstrativo do desempenho dos alunos em língua portuguesa é nível 2, considerando que o Saeb define uma escala de 8 níveis de proficiência, podemos perceber que esses índices refletem a observação feita pela professora em sala de aula quanto a dificuldade dos alunos em relação a leitura e interpretação de textos, em parte, resultado da falta de práticas leitoras nas etapas de ensino anteriores.

PERCEPÇÕES LEITORAS DOS DISCENTES

¹⁴ Dados do SAEB disponíveis para consulta pública em: <http://saeb.inep.gov.br/saeb/resultado-final-externo/boletim?anoProjeto=2021&coEscola=13042262>

O alvo da pesquisa foi uma turma do 8º ano pertencente a rede municipal de ensino, uma turma composta por 20 alunos com idade entre 12 e 13 anos. Vale ressaltar que dentre esses alunos, há uma aluna com deficiência intelectual (DI), o que demanda um cuidado maior com as questões de ensino-aprendizagem e metodologia utilizada dentro da sala pela professora, por isso foi necessário pensar uma forma de incluir a aluna para que conseguisse participar das atividades da oficina de leitura e interpretação, promovendo um ensino inclusivo e contemplando os atuais documentos legais que norteiam a prática da educação inclusiva sala de aula, como Estatuto da Pessoa com Deficiência instituído pela Lei nº 13.146/2015 que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Brasil, 2019).

Pensando nisso, foram organizadas atividades adaptadas para a aluna que contou com apoio da monitora. A oficina de leitura e a aplicação dos questionários foram realizadas com os alunos que estavam presentes na aula, sendo 16 alunos, nove meninas e sete meninos em que foi aplicado o questionário após a oficina realizada na turma em uma sexta-feira, tendo a professora cedido gentilmente dois tempos na turma.

Dos 16 questionários aplicados, sete foram selecionados para compor a análise dos resultados obtidos. Durante o período da pesquisa e da observação de campo acompanhamos as aulas da professora e a partir disso planejamos a oficina e os questionários considerando a realidade da turma, o que foi importante para o pesquisador conhecer o universo de sua investigação. Ao pensar na oficina nos espelhamos nas aulas da professora, todo o planejamento da oficina também foi acompanhado pela docente.

Os alunos participaram da oficina e responderam ao questionário no mesmo dia, o questionário contava com perguntas discursivas que buscavam entender o universo da leitura dos alunos. A primeira parte do questionário buscava caracterizar os participantes da pesquisa e assim começar a entender um pouco do mundo dos alunos da turma, questões que referiam-se quanto ao gosto pela leitura. As respostas foram diversas, e podemos categorizar que 10 alunos afirmaram gostar ler, 5 disseram que medianamente gostam de ler e a aluna com DI, devido as implicações de sua deficiência, não sabe ler.

A justificativa do porquê disso podemos analisar em algumas respostas que nos chamaram mais atenção pelos motivos apresentados para a negativa pelo gosto à leitura. Um dos alunos pontuou que gosta de ler “mais ou menos, porque é muito vergonhoso ler na frente dos outros”. As crianças que não desenvolvem o ato da leitura

têm dificuldade em sala de aula, onde não conseguem se expressar, destacando que a leitura em voz alta do texto ajuda no desenvolvimento da oralidade do aluno e, conseqüentemente, na sua aprendizagem.

Outras respostas justificam que a falta de interesse na leitura é influenciada por fatores internos que dificultam que o aluno tenha atenção ou possa desenvolver a leitura sem interrupções, como afirma o aluno ao dizer que lê “mais ou menos, por que sei lá não consigo me concentrar numa Leitura”. Podemos analisar que esse aluno talvez não tenha sido incentivado no ambiente familiar à prática da leitura, por isso sente dificuldade para se concentrar ao ler um texto. Analisando as respostas positivas dos alunos em relação a leitura, percebemos um reconhecimento por parte desses alunos da importância da leitura para o desenvolvimento do conhecimento e no processo de ensino-aprendizagem, justificando que:

Sim. Eu adoro ler, mas sempre leio algo. E quando vou ler, vou mais pela forma que a leitura penetra na minha mente e me faz imaginar tantas coisas, por minutos ela me tira do lugar onde estou, e me transporta para outros (Aluna A, 2023).

Sim porque a leitura é muito importante para mim, eu gosto sem de ler a leitura é muito bom pra mente, eu adoro a leitura e de ler (Aluna B, 2023).

Sim, porque ajuda a pensar melhor, refletir etc. (Aluna C, 2023).

Os alunos entendem que a leitura ultrapassa o limite do papel e potencializa sua imaginação e reflexão, vai além da decodificação mecânica das letras e auxilia no desenvolvimento do pensamento e cognição. A aluna com DI teve as respostas transcritas pela monitora, a aluno que “ainda não sei ler, estou conhecendo as sílabas, mais sei copiar do quadro” (Aluna F, 2023). Esta é uma resposta importante e que pode ser interpretada de várias formas, pois pode ser entendido como uma falha no sistema educacional de não ter proporcionado a aluno um ensino inclusivo que contemplasse suas particularidades, disponibilizando para a aluno Atendimento Educacional Especializado – AEE, uma vez que a aluna está no 8º ano e somente agora está no processo de conhecer as sílabas.

Outra questão da pesquisa foi pontuar o acesso desses alunos aos livros, sobre o contato com a leitura para além da sala de aula: 6 alunos responderam que não tem contato com livros fora da sala, um desses alunos que responderam não ter esse contato foi a aluna com DI, considerando que ela não sabe ler, e 10 afirmaram ter o contato com os livros fora do ambiente escolar. Assim, a maioria dos alunos busca ler mesmo não

estando dentro da sala de aula, sendo em casa ou na escola que os alunos desenvolvem a leitura.

Ainda sobre a caracterização dos alunos buscou-se saber se eles conseguiam ler e interpretar textos com facilidade ou se tinham dificuldade. Os questionários tiveram respostas diversas, somaram-se que 5 alunos dizem conseguir ler e interpretar com facilidade, 6 dizem conseguir ler, porém encontram dificuldades em interpretar e 5 dizem não conseguir realizar ambas as atividades. Visualizamos esse cenário a partir das respostas dos alunos citadas abaixo:

Ler e interpretar às vezes é um desafio pra mim, tenho problemas pra concentrar e releio novamente, e fazer um bom entendimento é preciso, mas complicado (Aluna A, 2023).

Sim eu conseguir sim interpretar o texto com facilidade (Aluna B, 2023).

Não porque eu axo muito difício interpretar um texto ou alguma outra coisa (Aluna D, 2023).

Ler e entender o texto consigo, mas interpretar não é muito meu forte (Aluno G, 2023).

Considerando essas respostas, analisamos a leitura e interpretação mostra-se como um desafio para os alunos, principalmente, quanto se trata do ato de interpretar o texto lido. É possível inferir também que a falta de práticas leitoras interfere na forma de escrita dos alunos, em que vemos uma escrita fora da norma-padrão no que diz respeito a ortografia e pontuação. Voltamos a apontar que o texto literário não deve ser utilizado somente com fins gramaticais, mas é importante destacar a dificuldade em desassociar a leitura da escrita e vice-versa, e uma tem influência no desempenho da outra.

A acompanhante da aluna com DI transcreveu a resposta da mesma em que ela diz que: “Não sei, eu sou DI e não consigo ler e interpretar” (aluna D, 2023). Mesmo com as limitações impostas pela deficiência, a aluna acompanha a turma e desenvolve atividades dos conteúdos, desde que adaptados para a sua realidade. Dentro do que rege a BNCC para aplicar metodologias e estratégias didático-pedagógicas diversificadas de acordo com as particularidades do público estudantil (Brasil, 2017).

Nesse processo de ensino-aprendizagem, o professor precisa considerar as particularidades da turma e dos alunos na hora de selecionar o tipo de leitura. Nesse sentido, buscamos perguntar aos alunos se eles tinham algum livro favorito e a maioria dos alunos, 10 ao todo, disseram ter livros favoritos e os outros 6 afirmaram não ter. Vale ressaltar que os livros citados por eles eram dos gêneros romance, religiosos e histórias

como “O pequeno príncipe” e livros de Monteiro Lobato. Alguns não conseguiam lembrar o nome dos livros, mas citaram o gênero ou o autor de seu livro favorito como observado nas seguintes respostas: “Sim o meu livro favorito é de romance eu achei ele interessante pra mim eu adoro ele o meu livro” (Aluna B, 2023).

A partir do conhecimento que o professor tem sobre os alunos, é possível traçar estratégias de leitura baseadas nos gostos dos alunos como forma de instigá-los a ler com mais frequência. Esse conhecimento prévio sobre os hábitos leitores dos alunos ajuda o professor a estabelecer um relacionamento de troca de experiências, em que o professor não apenas impõe uma leitura, mas pergunta aos alunos que eles gostariam de ler. Trata-se da utilização de uma metodologia ativa, pois os alunos aprendem de forma mais autônoma e participativa e são potencializadores do seu próprio ensino-aprendizagem.

É esperado que na escola os alunos tenham contato com múltiplas linguagens e saberes para que eles consigam se tornar pessoas com senso de criticidade, usem o conhecimento que estão adquirindo de forma autônoma e, claro, de maneira respeitosa nas mais diversas situações comunicativas. Quanto ao ambiente escolar, este deve oferecer para os alunos espaços onde se possa ocorrer a experiência leitora de forma confortável. Por isso quando questionados sobre se a escola oferece espaços para a leitura, os alunos responderam que:

Para oferecer, tem. Mas nem sempre tá disponível pra nós, raramente nós vamos até lá (Aluna A, 2023).

Sim a escola tem esse espaço para os alunos ler, que si chama, cantinho da leitura (Aluna D, 2023).

Sim, oferece, mas é meio difícil de usar esse espaço (Aluno G, 2023).

Considerando sua realidade, os alunos descrevem que mesmo com a existência de um espaço próprio para a leitura, eles têm dificuldade em ter acesso ao ambiente. O espaço ao qual os alunos se referem é a biblioteca da escola que nem sempre está disponível para que os alunos possam fazer uma leitura concentrada. É importante que as iniciativas propostas pela escola sejam acessíveis a todos, a exemplo, o cantinho da leitura citado pelo Aluno D.

Esse espaço também precisa ser acessado pelos alunos e possam fazer leituras dentro da escola, mas é possível pensar na modalidade de empréstimo de livros como

forma de incentivo para a continuidade da leitura em casa. Além de um espaço físico adequado e confortável para a prática da leitura, é importante também que as aulas de língua portuguesa para a leitura em sala de aula de forma compartilhada dos textos literários. Quanto a isso, os alunos apresentam como a leitura acontece em sala de aula:

Sim, sendo sincera às vezes é meio que obrigada, poucas vezes pelo prazer em querer ler (Aluna A, 2023).

Sim com certeza tem sim espaço pra mim ler (Aluna B, 2023).

Sim o Português tem espaço na leitura para ensinar (Aluno E, 2023).

Sim têm obrigação que o professor faz leitura e também ensina e também ela manda fazer o trabalho (Aluno F, 2023).

Analisando o relato dos alunos, o ato de ler ainda está baseado em uma leitura obrigatória que pressupõe somente aprendizagens quantitativas de avaliação e notas. Desta maneira, vemos a importância do papel que a escola e o professor têm na vida leitora dos alunos, eles são atores fundamentais para a formação de leitores literários, desenvolvendo atividades didático-pedagógicas de incentivo à leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, este trabalho buscou analisar e como se dá o incentivo e a prática de leitura dentro da sala de aula para contribuir com a comunidade escolar e, partir dessas observações, trazer reflexões relevantes no que diz respeito ao ensino-aprendizagem e as aulas de língua portuguesa. Uma vez que a leitura é importante na vida cotidiana de todos e também para o desenvolvimento das competências e habilidades dos alunos.

Um dos objetivos deste trabalho era verificar a forma que a leitura de textos literários era realizada em sala de aula, pois partiu-se do pressuposto de que a leitura desses tipos de textos nas aulas de língua portuguesa era, exclusivamente, voltada para o ensino da gramática da língua portuguesa e não a leitura pela leitura para que os alunos lessem por prazer e adquirir o hábito de ler.

Os alunos têm seus próprios gostos literários e em suas respostas vemos como as aulas de LP estão sendo realizadas, quanto a prática de leitura dentro de sala e ao espaço que a escola disponibiliza para a leitura. As respostas dadas no questionário foram essenciais para sanar algumas questões e vê como este processo de ensino-aprendizagem

está acontecendo. Por mais que uma parte dos alunos não tivessem o contato mais frequente com a leitura, eles não deixaram de ter um bom senso para responder as questões e realizar a atividade proposta por este trabalho. É necessário que as escolas façam um momento de escuta dos alunos para que haja uma aquisição de conhecimento eficiente e eficaz, colocando-os no centro do processo de ensino-aprendizagem, sendo participantes ativos e protagonistas do conhecimento.

Aparentemente para grande parte dos educadores ainda utilizam o método tradicional por ser mais conveniente, e não levam em consideração que as salas de aula estão também recebendo alunos que antes não podiam fazer parte das turmas, alunos com alguma deficiência - PcD, seja física, visual, auditiva, intelectual etc. Esse é um dos motivos para que eles tenham que mudar seus métodos, pois o padrão antigo/tradicional não atende a todos, nem grande parte das especificidades existentes em sala de aula hoje em dia.

Os resultados obtidos nesta pesquisa apontam que as práticas de leitura em sala de aula são iniciativas individuais dos professores e não um planejamento pedagógico da instituição. Há uma consciência docente que compreende a necessidade de se popularizar a leitura em sala, assim também há uma consciência leitora dos alunos que entendem a importância da leitura e de que forma ela impacta positivamente no seu desempenho educacional.

Assim, esta pesquisa é de relevância para a sociedade em geral, pois busca fazer um estudo sobre a realidade educacional, no que diz respeito ao ensino de literatura, destacando a importância do incentivo à leitura em sala de aula, uma leitura literária que visa despertar no aluno o ato de ler, não apenas por obrigação, mas também pelo prazer da leitura e suas contribuições no desenvolvimento de alunos pensantes e críticos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. **Estatuto da Pessoa com Deficiência**. 3. ed. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2019.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Brasil no Pisa 2018**. Brasília, DF: Inep, 2020.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Brasil no PIRLS 2021: Sumário Executivo**. Brasília, DF: Inep, 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica: Ensino Fundamental Regular - Anos Finais**. Brasília, DF: Inep, 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Boletim da Escola: Saeb 2021**. Brasília, DF: Inep, 2021.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2002.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.

CULLER, Jonathan. **Teoria literária: uma introdução**. São Paulo: Beça Produções Culturais Ltda, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2011.

PAIVA, Aparecida; MACIEL, Francisca; COSSON, Maciel. **Literatura: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

SANTOS, Mariana Alencar; ROSSI, Cláudia Maria Soares. Conhecimentos prévios dos discentes: contribuições para o processo de ensino aprendizagem baseado em projetos. **Revista Educação Pública**. v. 20, n. 39, Santos, p. 1-7, 2020.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o Ensino da literatura**. Curitiba: Ibpex, 1991.